

UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA AS FORMAÇÕES X-DROMO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)¹ e José Augusto de Oliveira Pires (UFRJ)²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o comportamento do formativo *-dromo* ('bumbódromo', 'sambódromo', 'camelódromo', 'fumódromo') no português brasileiro contemporâneo tendo por base o modelo de Morfologia Construcional proposto por Booij (2005, 2010). Levando-se em consideração que a literatura tradicional não fornece um estudo satisfatório e aprofundado acerca do formativo em questão, o intuito é (a) realizar uma análise mais detalhada sobre as transformações e os desdobramentos pelos quais o formativo passou no português e (b) investigar a produtividade do mesmo no atual estágio da língua a partir de um modelo que possibilite uma descrição mais adequada tanto do polo formal quanto do polo semântico de construções morfológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática das Construções. Morfologia. Formações *X-dromo*.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the behavior of the formative *-dromo* ('bumbódromo', 'sambódromo', 'camelódromo', 'fumódromo') in contemporary Brazilian Portuguese, based on the model of constructional morphology (BOOIJ, 2005, 2010). Taking into account that the traditional literature does not have a satisfactory study about this morpheme, the intent of this work is (a) to perform a more detailed analysis of the changes and developments that the formative undergoes in Brazilian Portuguese and (b) to investigate the productivity of these formations in the current language from a model that will enable a more accurate description of both the formal and semantics poles of morphological constructions.

KEYWORDS: Construction Grammar. Morphology. *X-dromo* formations.

1 Professor Associado IV do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, Doutor em Linguística e Pesquisador do CNPq e da FAPERJ. E-mail: carlexandre@bol.com.br.

2 Doutorando em Letras Vernáculas e professor substituto do Colégio Pedro II. E-mail: augustopires2010@gmail.com.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho analisa o comportamento das formações *X-dromo* ('autódromo', 'sambódromo', 'fumódromo') no português brasileiro contemporâneo, tendo por base o modelo de Morfologia Construcional desenvolvido por Booij em vários artigos (2005, 2007, 2009), até culminar no livro *Construction Morphology* (BOOIJ, 2010). Considerando que a literatura tradicional não possui um estudo satisfatório e aprofundado acerca do formativo em questão, nosso intuito é (a) realizar uma análise mais detalhada sobre as transformações e os desdobramentos pelos quais o formativo passou no português; (b) checar a produtividade do mesmo nos dias de hoje; (c) observar as diferenças entre as construções mais antigas em relação às mais novas; e (d) conferir se as formações ainda devem ser consideradas casos de composição neoclássica. O objetivo maior do texto é representar a relação entre os polos formal e semântico das construções *X-dromo*, com base em Booij (2010), a fim de conferir o verdadeiro estatuto do elemento à direita, se radical ou sufixo.

Para alcançar tais metas, dividamos o trabalho da seguinte maneira: a primeira parte é destinada à revisão da literatura sobre *-dromo*. Nessa seção, o objetivo é verificar a origem dos dados, assim como averiguar de que maneira o formativo é tratado nas mais variadas abordagens: (a) dicionários etimológicos, como Cunha (1986), e eletrônicos, a exemplo de Aurélio (2004) e Houaiss (2009); (b) algumas gramáticas tradicionais – Bechara (2004), Cunha & Cintra (2008); e (c) manuais de morfologia do português – Basílio (2007), Laroca (2005) e Sandmann (1987, 1988).

A etapa seguinte se destina à abordagem da Morfologia Construcional, de Geert Booij. O principal propósito da seção é apresentar o arcabouço teórico, observando as principais motivações para a utilização do mesmo na análise do formativo em questão. Tendo em vista que, para Booij (2005), as fronteiras entre composição e derivação não são claramente delimitadas (ao contrário, são maleáveis de ambos os lados, havendo, na verdade, um *continuum*), essa perspectiva é de extrema importância para indagar qual o verdadeiro estatuto do formativo *-dromo* no processo de formação de palavras no atual estágio da língua: se ainda se comporta como radical neoclássico, se constitui sufixo ou se constitui elemento com propriedades desses dois principais tipos morfológicos.

A terceira parte é destinada à aplicação da Morfologia Construcional (doravante MC) às formações terminadas em *-dromo*. Com o instrumental da MC, procuramos demonstrar (a) como a fronteira entre composição e derivação é questionável, uma vez que há a possibilidade da transformação do *status* morfológico de elementos ao longo dos anos, (b) a possibilidade de criação de padrões construcionais que, por sua vez, colaboram para a alta produtividade do até então chamado “radical erudito” (neoclássico), hoje um neossufixo. Nessa transição, as construções se apresentam, em sua borda direita, com uma nova formatação na língua: *-ódromo*. Assumimos, portanto, que houve tanto mudança formal quanto semântica nas construções, que passaram de compostas e opacas (*X-dromo*, em que o elemento à esquerda não constitui palavra) a derivadas e transparentes (*X-ódromo*, com X recebendo, agora, etiqueta lexical e se atualizando como palavra). É o que se observa, por exemplo, no

confronto entre ‘antídromo’ (“que se enrola em direção oposta à normal) e ‘masturbódromo’ (“local utilizado para a prática da masturbação”).

Os dados que compõem o *corpus* foram recolhidos nas mais variadas situações de uso da língua, durante o ano de 2015: conversas espontâneas em que nos envolvemos ou presenciamos, aulas, conferências e palestras, programas de TV e rádio (sobretudo entrevistas), jornais e revistas de circulação nacional, *outdoors*, nomes de lojas e produtos comerciais (oniônimos). Além disso, um rastreamento mais sistemático foi implementado por intermédio da ferramenta de busca eletrônica *Google*, bem como de *sites* de redes sociais, tais quais *Facebook* e *Twitter*. O *corpus* contém, hoje, cerca de 150 formações.

2. REFERÊNCIAS A *-DROMO* NA LITERATURA SOBRE O PORTUGUÊS

Dicionários e gramáticas tradicionais classificam *-dromo* como radical erudito que participa do processo de composição; por sua vez, em alguns manuais de morfologia, já é possível notar outra classificação para o formativo. Abordemos, em primeiro lugar, as definições mais usuais para, então, apresentar as conceituações mais recentes.

Ao procurarmos a definição no dicionário etimológico de Cunha (1986), constatamos que *-dromo* é analisado como um *elemento de composição*, sendo oriundo do grego **drómos**, “ação de correr, corrida, lugar de corrida”. Como exemplo de formação que não veicula tal sentido, tem-se ‘craspedódromo’, adjetivo relacionado à área da botânica, cujo significado é um qualificativo para formas “em que as nervuras secundárias são secantes em relação à margem da folha (diz-se de nervação)” (CUNHA, 1986: 441).

Em se tratando dos dicionários eletrônicos consultados, no *Houaiss* (2009) constatamos que a definição é praticamente a mesma: “elemento de composição; pospositivo do grego **drómos**, ou “ação de correr, lugar para corrida, corrida” (HOUAISS, 2009: 561), com ‘aeródromo’ sendo definido como “espaço delimitado, em terra, provido de relativa infraestrutura para o pouso e decolagem de aeronaves destinadas ao transporte de passageiros ou de cargas diversas” (HOUAISS, 2009: 562).

Muito embora o dicionário *Aurélio* (2004) traga definições um pouco diferentes, podemos verificar que o conceito central não fica muito distante dos já mencionados; a saber: “elemento de composição; ação de correr’, ‘corrida’; ‘deslocamento rápido em veículo’; ‘lugar para correr’; ‘pista’; ‘local de’; ‘fluxo’, ‘corrente’” (AURÉLIO, 2004: 345). O exemplo apresentado na obra é ‘autódromo’, “conjunto de pistas e edifícios (instalações para administração, arquibancadas, controle, oficinas de reparos, etc.), para corrida de automóveis” (AURÉLIO, 2004: 345). Vale a ressalva de que no dicionário *Aurélio* já existe a acepção *lugar de* isoladamente, indicando uma modificação na definição inicial.

Nas gramáticas tradicionais, também podemos perceber que as conceituações são basicamente as mesmas. Em Cunha & Cintra (2008: 125), *-dromo* é definido como “lugar para correr” e exemplificado com o vocábulo ‘velódromo’, “local destinado a corridas ciclísticas, dotado de pistas, instalações

para o público etc” (CUNHA & CINTRA, 2008: 126). Além disso, os autores afirmam que *-dromo* “funciona, preferentemente, como segundo elemento da composição” (CUNHA & CINTRA, 2008:126), como se observa em ‘hipódromo’.

Por sua vez, Sandmann (1988) descreve o formativo não mais como elemento de composição e sequer como *-dromo*, mas como elemento de derivação e *-ódromo*. Justifica tal transição relacionando-o a um sufixo em razão de “se prestar à formação de novas palavras em série e porque não ocorre livremente na frase” (SANDMANN, 1988: 47). Com essa visão diferenciada, o autor pondera que o significado inicial –“ação de correr, corrida, lugar de corrida” – não pode ser relacionado diretamente com o significado atual das novas formações. Tal é o caso de ‘camelódromo’, que se refere, no Município do Rio de Janeiro (Centro da Cidade), a um lugar de concentração de comércio popular, e ‘amoródromo’, “lugar para a prática do amor livre”. Nessas novas formações, a ideia de locativo se mantém, sem, entretanto, fazer referência à corrida.

Laroca (2005) aborda o elemento *-dromo* como um *neossufixo*, isto é, um novo elemento derivacional do português. Mantém, todavia a estrutura *-dromo*, diferentemente de Sandmann, que já incorpora a vogal <ó> ao formativo. À semelhança do autor, Laroca também constata a transformação no sentido: de “curso, corrida, marcha, condutibilidade, passou a designar o local (apropriado) para acontecer determinado fato ou evento” (LAROCA, 2005: 75), como em ‘namoródromo’, ‘papódromo’ e ‘beijódromo’.

Em um *corpus* contendo, aproximadamente, 120 palavras, Pires (2014) observa que as encontradas em dicionários eletrônicos somam em torno de 30. Por sua vez, a outra parte advém justamente da ferramenta de busca eletrônica *Google* e das redes sociais. O autor constata que estas respondem pela maior parte do *corpus*, constituído, majoritariamente, de palavras (ainda) não dicionarizadas. Os vocábulos terminados com o formativo aparecem em situações reais de uso, em que a necessidade e a inventividade dos falantes permitem a criação sistemática de novas palavras.

Como se vê, há divergências no que diz respeito ao entendimento desse “radical erudito”. Além disso, vale ressaltar que as palavras dicionarizadas e encontradas nas gramáticas tradicionais são as mais antigas na língua: são vocábulos que datam dos séculos XVII, XVIII, XIX e do começo do século XX. Com isso, há uma maior tendência para que sejam vinculadas ao processo de composição. Já os exemplos dos manuais de morfologia do português (LAROCA, 2005) e análises mais recentes (SANDMANN, 1988; PIRES, 2014) são, basicamente, da segunda metade do século XX e início do século XXI. As formas obtidas a partir de situações conversacionais variadas, da ferramenta eletrônica de busca *Google* e das redes sociais (*Facebook*, *Twitter*) evidenciam a possibilidade de modificação tanto do estatuto morfológico de *-dromo* quanto de seus usos e funções.

3. A MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

A expressão “Morfologia Construcional” não é nova na área. Em 1987, Corbin propõe um modelo de

análise morfológica que denomina de construcional. Essa abordagem, no entanto, diferentemente da de Booij (2005), está inserida num quadro linguístico gerativista de inflexão lexicalista. Diferentemente da proposta de Corbin, o modelo de Booij (2005, 2007, 2010) se inscreve no paradigma da Linguística Cognitiva e adapta a abordagem construcionista de autores como Goldberg (1995), voltados para a sintaxe, à descrição de fatos morfológicos.

Em Basilio (2011: 02), entende-se léxico como um espaço de formas simbólicas, isto é, formas que se associam a conceitos. Para ela, as unidades lexicais, “cujas possibilidades de evocação são infinitas, dependendo de circunstância, podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes (...) até relações entre formas e suas potenciais evocações”. Convergingo com essa definição, Booij (2005, 2007) entende que formas morfológicamente complexas são esquemas que propiciam diversas instanciações, pois, tal como Basilio (2011), abraça a ideia de que (a) itens evocam conceitos e (b) essa evocação é situada linguística e socioculturalmente. As instanciações, no entanto, não serão exatamente iguais, pois são submetidas a ajustes focais e estão sujeitas a outras operações de língua em uso, como seleção, focalização, perspectização e relevância (LANGACKER, 1987).

Inaugurando um paradigma que chama de Morfologia Construcional (*Construction Morphology*), Booij (2005) mostra que as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais, não havendo, por isso mesmo, diferença considerável entre palavras derivadas³ (Xy: ‘lingu-ista’, ‘roqueiro’), compostos (XY: ‘seca-pimenteira’, ‘criado-mudo’), expressões semiabertas (pé-de-X_s, “árvore”: ‘pé de coco’, ‘pé de jaca’) e expressões idiomáticas (DAR uma X_v-da, que significa “fazer X_v rapidamente”, como em ‘dei uma piscada’, ‘dava uma passeada’): “todas essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2014: 110).

Booij (2010) postula que a semelhança estrutural entre composição e derivação pode ser expressa por meio de esquemas de formação de palavras que generalizam conjuntos de formas existentes e podem ser usados para criar novas palavras. Por exemplo, em português, palavras complexas são formadas, muito frequentemente, por meio de composição, sufixação e prefixação. Esses padrões morfológicos podem ser ilustrados pelos seguintes esquemas, que Gonçalves & Almeida (2014) adaptaram para o português:

(01) (a) composição: $[[X]_x [Y]_y]_s$

(b) prefixação: $[X[Y]_y]_y$

(c) sufixação: $[[X]_x Y]_y$

Nesses esquemas, as variáveis X e Y, em maiúsculas, representam seqüências fonológicas e os subscritos _x e _y, em minúsculas, categorias lexicais. O esquema geral dos compostos, em (a), expressa a generalização de que a composição, independentemente da etiquetagem lexical de seus constituintes, sempre forma substantivos em português (daí o rótulo _s, após o último colchete). O esquema da

3 Nesses exemplos, X e Y, em maiúsculas, representam formas livres. Por sua vez, y, minúsculo, representa um afixo, forma presa que não receber etiqueta lexical.

prefixação, em (b), expressa que essa operação é neutra categorialmente, sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça. Para Booij (2005: 13), “a diferença entre composição e derivação está no fato de, na derivação, um dos constituintes não ter etiqueta lexical, uma vez que não corresponde a uma palavra”. No caso da sufixação (esquema em (c)), no entanto, o elemento preso porta informação sintática e constitui cabeça categorial (SCALISE *et al.*, 2009), por determinar a classe gramatical do produto. Neste texto, defendemos que, além desses três esquemas gerais, o português apresenta um outro: o da composição neoclássica, cuja representação é $[X Y]_S$, a exemplo de $[[\text{cardio}][\text{pata}]_S$, $[[\text{pedó}][\text{filo}]_S$ e $[[\text{orto}][\text{rexia}]_S$.

Booij (2010) mostra que uma abordagem construcional possibilita tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase. Assim, a Morfologia Construcional constitui enfoque bem mais integrado para a morfologia, pois esquemas morfológicos podem ser interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra, com uma posição fixa (lexicalmente preenchida) e outra aberta(s), representada(s) por variável(is). Tal fato aponta para a constatação de que não há diferença considerável entre expressões perifrásticas (como $[IR_{[\text{pres}]} X_V]_{[\text{inf}]}$], que expressa a noção de futuro, a exemplo de ‘vou fazer’), e idiomas construcionais (como $[PAGAR X_S\text{-inho}]$, “vexame por deixar X (parte do corpo) à mostra”, como em ‘pagar peitinho’, ‘pagar pintinho’)⁴ e palavras morfologicamente complexas, sejam elas derivadas ou compostas⁵.

Ao se considerar a existência de idiomas construcionais, a concepção do léxico como lista de palavras e expressões convencionalizadas e fixas na língua (DI SCIULLO & WILLIAMS, 1987) é posta em xeque. De acordo com Booij (2007), o léxico pode ser estendido como constituído por idiomas construcionais parcialmente especificados que representam o pareamento da estrutura formal com a semântica das palavras complexas. O esquema de que participa o sufixo denominal *-ista*, em (02) a seguir, é abstraído das instanciações em (03) e pode ser interpretado como exemplo de construção idiomática no nível da palavra (uma construção morfológica, portanto): substantivos deverbiais terminados em *-ista* significam, genericamente, “que trabalha com/prática X”, significado esse ligado à instanciação mais especificada do esquema básico da sufixação, $[X]_x Y]_y$:

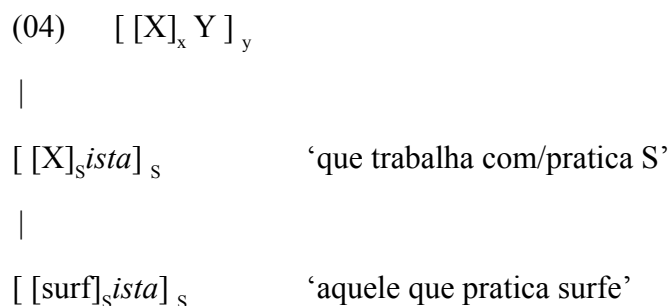
(02) $[X]_S \text{ista}]_S$ – ‘que trabalha/prática S’

(03) skate – skatista surfe – surfista dente – dentista
 loja – lojista greve – grevista cópia – copista
 lobby – lobista piano – pianista

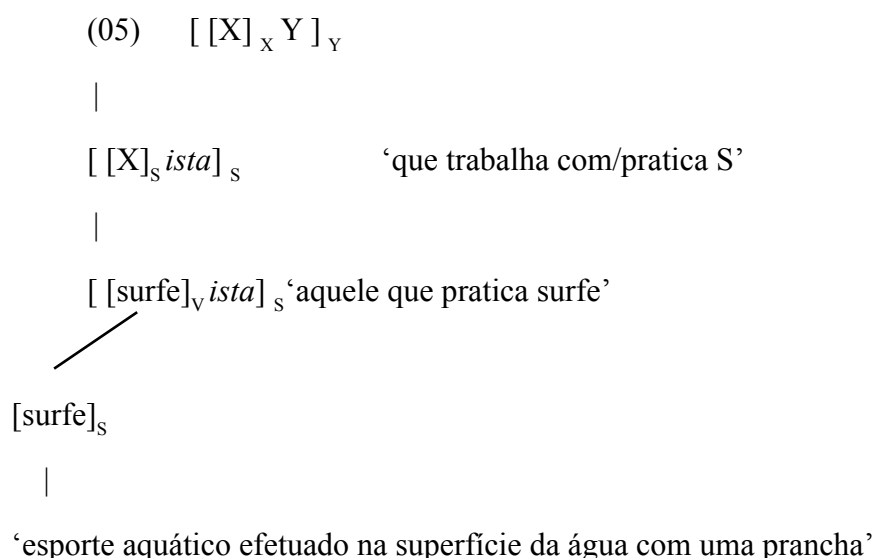
Como na Gramática das Construções, a relação entre o esquema mais abstrato e as instanciações individuais é representada por meio de uma árvore, em que construções mais específicas herdaram propriedades de construções dominantes ou mais gerais. Pode-se exemplificar essa cadeia, em (04), a seguir, com ‘surfista’:

4 O esquema $[PAGAR X_S\text{-inho}]$ parece ter origem na expressão idiomática ‘pagar mico’ (“passar por situação vexatória”, “cometer uma gafe”) e concentrou na forma verbal ‘pagar’ o significado de “vexame”, passando a se combinar com diminutivos *X-inho* em referência a uma parte íntima do corpo que, por descuido, ficou descomposta (‘pagar cofrinho’, ‘pagar xaninha’).

5 Essa proposta espelha, para o nível da morfologia, o princípio central da Gramática de Construções: a ideia de que a totalidade do conhecimento linguístico do falante pode ser apreendida de maneira uniforme, por meio de pareamentos convencionais de forma e significado.



Como exemplificado em (04), cada nó inferior da árvore herda propriedades dos nós dominantes e, por isso mesmo, nós mais baixos portam informações redundantes. As construções X_s -ista instanciam o esquema abstrato da sufixação ([[X]_x Y]_y), já que o elemento à direita é um afixo e, portanto, não deve ser listado no léxico por não constituir forma livre na língua. ‘Surfista’, por sua vez, herda do nó imediatamente dominante a semântica de agente. É importante ressaltar, ainda, que ‘surfista’ também herda propriedades de sua base, também ligada à árvore⁶:



A segunda linha das árvores em (04) e (05) generaliza a estrutura e o significado dos substantivos denominais em *-ista*. Novas palavras podem ser criadas por meio do que Booij (2010) denomina “unificação” de um esquema com um item lexical⁷. Gonçalves & Almeida (2014) consideram mais interessante nomear esse mecanismo de “compatibilização”. Nesse caso, a ideia é que o item combine suas propriedades lexicais com as propriedades semântico-gramaticais da construção. Dessa forma,

6 Observe que no primeiro nível da árvore aparece o esquema geral da sufixação. Considerando o modelo de Booij (2005, 2010), trata-se, nesse caso propriamente dito, não de uma construção gramatical, nos termos, por exemplo, de Goldberg (1995), pois não há referência ao polo semântico. Nesse primeiro nível, o esquema, praticamente um molde esquelético, informa apenas as contrapartes fonológica (X, Y) e sintática (especificação da classe, em minúsculas, x, y) dos processos mais gerais de formação de palavras, como os exemplificados em (01): composição, prefixação e sufixação.

7 Como bem lembra o(a) parecerista anônimo(a), a quem agradecemos, o termo “unificação” advém dos primeiros estudos construcionistas de Charles Fillmore, na década de 1980 e “Booij emprega um termo já consagrado na GC, a partir do qual, inclusive, se batiza o modelo conhecido como Unification Construction Grammar. Nesse sentido, a ideia de que a unificação é a “operação utilizada para criar expressões linguísticas bem formadas” é uma premissa fundamental da Gramática de Construções”, válida tanto para palavras novas quanto para sentenças inéditas, e não exatamente uma particularidade da Morfologia Construcional.

é instaurada uma relação bidirecional da construção para o item e do item para a construção. Evidência disso é a compatibilização da palavra portuguesa ‘passeador’, utilizada em referência a pessoas que recebem remuneração para levar animais de estimação, geralmente cachorros, para andar nas ruas. Nesse caso, a unificação do verbo ‘passear’ com o esquema de deverbais em *-dor* resulta no constructo ‘passeador’ (“aquele que passeia (com cachorros) profissionalmente”). Na proposta de Booij (2010), unificação (leia-se compatibilização) é a operação utilizada para criar expressões linguísticas bem formadas.

4. RELAÇÕES DE HERANÇA ENTRE CONSTRUÇÕES

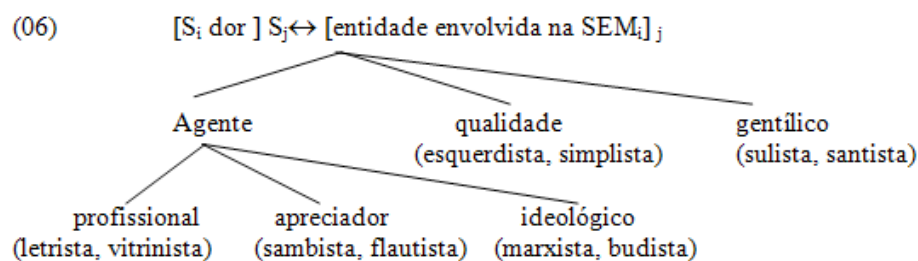
Na Gramática das Construções, entende-se por herança qualquer característica formal ou semântica que esteja na construção básica e se transfira para a construção decorrente. Na proposta de Goldberg (1995), há quatro tipos de herança:

- I. por polissemia (quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra);
- II. por extensão metafórica (quando duas construções se relacionam por meio de mapeamento metafórico);
- III. por subparte (quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção); e, por fim,
- IV. por instanciação (quando uma construção instancia outra, apresentando mais elementos especificados).

Esses quatro tipos de herança, postulados para construções sintáticas, também caracterizam construções morfológicas. Exemplifiquemos o primeiro tipo de herança, por polissemia, com as formações denominais em *-ista*, já representadas conforme o modelo. Booij (2010) afirma que, na formação de palavras, a polissemia pode proporcionar evidências para diferentes níveis de generalização e graus de abstração em uma rede integrada de construções. Para o autor, uma abordagem polissêmica deve partir de um significado prototípico como ponto de partida para os demais significados existentes.

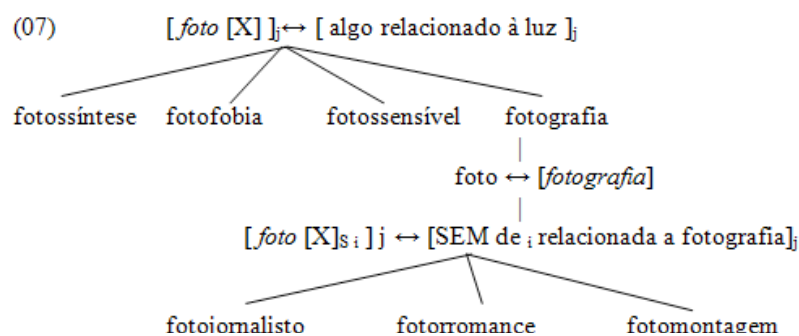
Nas formações *X-ista*, o significado prototípico é o de agente (BASILIO, 2004). Nas formações terminadas em *-ista*, o papel de agente é normalmente associado a uma profissão (‘dentista’, ‘desenhista’, ‘vitrinista’); entretanto, a prática da atividade pode ser prazerosa, vindo daí a ideia de “apreciador”, como em ‘surfista’, ‘jazzista’, ‘sambista’. Na maior parte dos casos, a própria palavra remete às duas acepções de agente, o profissional e o apreciador, a exemplo de ‘pianista’. A prática de uma atividade também pode se dar por algum tipo de adesão ideológica, vindo daí a ideia de “partidário” ou “sectário”, como em ‘umbandista’, ‘gerativista’, ‘esquerdista’. Há formações *X-ista* tipicamente adjetivas, como ‘intimista’ e ‘futurista’, além de gentílicos como ‘paulista’, e ‘nortista’. A reconceptualização da noção de agente modifica esse significado primário e desenvolve um esquema caracterizado por *ligação por polissemia*.

A polissemia não é propriedade da palavra individual, mas do esquema construcional para substantivos denominais em *-ista*, o que leva à criação de um subesquema para agentes. Nesse caso, subesquemas podem ser interpretados como extensões metafóricas ou metonímicas e, por isso, nomes denominais em *-ista* apresentam interpretações que devem ser representadas por subesquemas em uma rede. O esquema geral sanciona algumas opções e os subesquemas expressam quais delas são usadas produtivamente na formação de novas palavras. Em (06), o polo semântico da construção é caracterizado por uma especificação geral o suficiente para abrigar as diversas possibilidades de significação dos nomes em *-ista*, ou seja, estamos, nos termos de Soares da Silva (2006), “puxando o significado para cima”. Na formalização a seguir, SEM, que em Booij (2010) é inespecificado, é aqui interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte, pois somente desse modo podemos entender que, a partir do mesmo esquema, formam-se subesquemas com semânticas distintas, mas relacionadas.

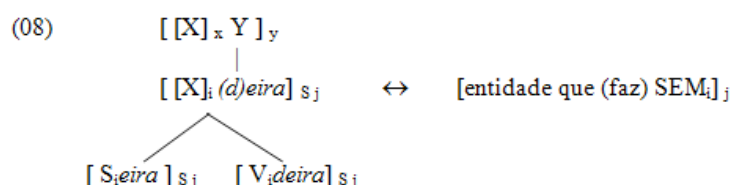


A ligação por extensão metafórica, segunda apontada por Goldberg (1995), constrói-se a partir da projeção do sentido da construção primitiva para outro domínio na nova construção. As formações aumentativas ilustram bem esse tipo de herança, pois várias palavras *X-ão* têm motivação metafórica à medida que a transferência de imagem do domínio-fonte é mantida no domínio-alvo, a exemplo de ‘abelhão’ (“óculos de sol tão grandes que se assemelham aos olhos de uma abelha”) e ‘cebolão’ (“relógio grande demais, semelhante a uma cebola”).

Na ligação por subparte, uma construção corresponde a um pedaço de outra, constituindo porção independente da construção de que se origina. Bom exemplo desse tipo de herança na morfologia do português é a recomposição (CUNHA & CINTRA, 2008; MONTEIRO, 1989). Nessa operação, um radical neoclássico se ressemantiza por metonímia e, ao se fixar em determinada borda da palavra, passa a ser utilizado em referência a uma construção de que era constituinte (GONÇALVES, 2011a). Tal é o caso de *foto-*, cujo significado etimológico (“luz, radiação magnética”), encontrado em ‘fotofobia’ e ‘fotossíntese’, por exemplo, não se atualiza em palavras como ‘fotomontagem’ e ‘fotoestúdio’. Nesses casos, *foto-* equivale a ‘fotografia’, isto é, constitui parte dessa construção – é, literalmente um “pedaço” de ‘fotografia’. O uso de *foto-* como afixoide decorre, portanto, de uma construção por sub-parte, já que esse constituinte compacta o significado do todo e leva essa acepção “zipada” para novas formações, como se vê na representação abaixo:



Para exemplificar o último tipo de herança, por instanciação, considere-se a rede construcional em (08), a seguir, para nomes instrumentais X-(d)eira, em que SEM, como vimos, abrevia semântica e é usado em referência ao *frame* ativado pela palavra-fonte:



Em (08), os esquemas [V_ideira]_{s_j} e [S_ieira]_{s_j} são instanciações do esquema mais básico, [[X]_i(d)eira]_{s_j} ↔ [entidade envolvida na SEM_i]_j, pois atualizam a posição de [X] com informação detalhada sobre a classe da palavra-base, que, por receber a indexação (i), faz parte do léxico tanto quanto o produto (j). Esse tipo de representação possibilita relacionar nomes de instrumentos, como, como ‘iogurteira’ e ‘omeleteira’, de um lado, e ‘batedeira’, e ‘geladeira’, de outro, cuja única diferença é a classe da base (substantivo e verbo, respectivamente). Em modelos baseados em regra – que sustentam hipóteses como a da base unitária (ARONOFF, 1976), em que *inputs* de processos morfológicos não podem ser sintaticamente diferentes –, dados como esses são extremamente problemáticos.

5. APLICAÇÃO DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL ÀS FORMAS X-DROMO

Fundamentado em sua origem do grego *drómos*, cuja definição é “ação de correr, lugar para corrida, corrida”, o formativo *-dromo* passou por diversas transformações ao longo dos séculos. O elemento em questão adentrou o português por via erudita, sendo ‘hipódromo’, “lugar para as corridas de cavalos”, a primeira palavra dicionarizada. Em Cunha (1986), ‘hipódromo’ data do século XVII, mais especificamente do ano de 1677.

É a partir do século XIX que *-dromo* começa a ser mais utilizado, havendo, na língua, um número maior de palavras com essa terminação. Tal aumento decorre da incorporação de muitas formações no período da nomenclatura científica internacional (final do século XIX e início do século XX), particularmente no domínio da botânica. Um exemplo relacionado à botânica é ‘campilódromo’, cujo significado, de acordo com Houaiss (2009: 441), é a parte da folha “em que diversas nervuras primárias partem de um único ponto na base da folha, formando arcos acentuados e convergindo em direção ao ápice”.

O que se observa, nesse período, é uma tendência a se optar por formativos mais eruditos. Em outras palavras, significa dizer que a utilização de bases gregas e latinas foi feita de modo intencional, com o objetivo de unificar as áreas técnico-científicas e filosófico-literárias cunhando termos a partir de elementos das línguas clássicas. Considerando o exemplo ‘campilódromo’, quando desmembramos as bases, verificamos que *campilo* é oriundo do grego *kampylos*, significando *curvo*, e, uma vez anexado a *-dromo*, nomeia tecnicamente uma pequena parte da folha. São inúmeros os exemplos de nomes em *-dromo* relacionados à botânica, todos definidos de acordo com o dicionário Aurélio:

(09) Acródromo – (1) que ou o que corre para cima; (2) em que duas ou mais nervuras primárias, ou secundárias muito desenvolvidas, partindo da base da folha, se arqueiam e convergem em direção ao ápice.

Actinódromo – em que três ou mais nervuras primárias divergem radialmente a partir da região basal da folha.

Anádromo – (1) que, vivendo no mar, se dirige para o rio na época da desova, ou, que, vivendo em água doce, nada contra a correnteza do rio até a sua cabeceira para a reprodução; (2) em que as nervuras ímpares estão localizadas na face superior e as pares, na inferior (diz-se de nervação das frondes de pteridófitas).

Axonódromo – Em que as nervuras terciárias se dispõem paralelamente às secundárias, das quais partem.

Camptódromo – em que as nervuras secundárias são tangentes à margem da folha.

Catádromo – (1) que, vivendo em água doce, se dirige para o mar na época da desova; (2) Em que as nervuras ímpares estão localizadas na face inferior e as pares, na superior (diz-se da nervação das frondes de pteridófitas)

Outros nomes técnicos incorporados à língua não são necessariamente da botânica, mas, igualmente, são bastante difíceis de interpretar, uma vez que as condições de analisabilidade (BYBEE, 2010) são precárias, considerando-se a opacidade das bases:

(10) Perídro – Galeria ou espaço coberto em torno de um edifício.

Palíndromo – diz-se de ou frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa.

Plasmódromo – (1) relativo aos plasmódromos; (2) espécime dos plasmódromos; (3) subfilo de seres unicelulares da classe dos mastigóforos, cujas spp. apresentam núcleo de um único tipo e são providas de pseudópodes [Este agrupamento não tem correspondência nas mais recentes classificações do reino protista.]

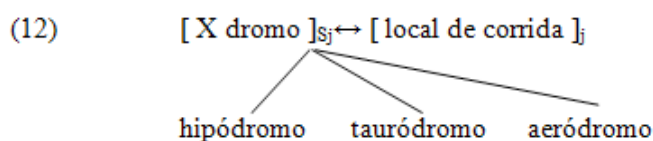
Pródromo – (1) o que antecede a (algo); precursor, prenúncio, antecedente; (2) espécie de prefácio; introdução, preâmbulo; (3) sinal ou sintoma inicial de doença; propatia (ger. us. no plural, reunindo, neste caso, os sinais e sintomas); (4) as primícias de um escritor, os primeiros escritos.

Tomando por base apenas esse conjunto de formas, assumimos, com base no instrumental fornecido pela Morfologia Construcional, que a chamada composição neoclássica⁸ também pode ser modelada por esquemas construcionais semelhantes aos da derivação e composição. No nosso entendimento, como os dois elementos constituem formas presas e, por isso, não recebem etiqueta lexical, podem ser genericamente referenciados como X e Y, em maiúsculas, já que não são afixos, e, por não constarem do léxico, não são indexados (ou seja, não recebem os símbolos i e j, subscritos). Nesse caso, o produto é sempre previsível em termos categoriais: como estamos falando de um vocabulário técnico-científico, o produto é sempre um substantivo⁹:

(11) **Esquema geral da composição neoclássica: [X Y]_s**

Especificação das formações com *-dromo*: [X *dromo*]_s

No caso das formações em *-dromo*, um terceiro conjunto de formações neoclássicas segue o modelo de poucas palavras já existentes na língua – a mais antiga, ‘hipódromo’ (1667), além de ‘tauródromo’ (“lugar de correr dos touros”, 1789), e ‘aeródromo’ (“lugar em que planam aeronaves”, 1878). Aqui, também as bases são presas, mas já é possível associar as formas a um significado genérico de “lugar de corrida”, o que possibilita parear o polo formal da construção com o polosemântico:



Observe-se que o elemento à esquerda continua sem etiqueta lexical, uma vez que não constitui palavra. Por analogia, outras unidades lexicais com base presa foram criadas, aumentando, assim, o volume de formações *X-dromo* remetendo a um local de corrida. Tal é o caso, entre outras, de ‘autódromo’ (“lugar de corridas de carros”), ‘canódromo’ (“local para corrida de cães”) e ‘velódromo’ (“lugar de competição de velocistas, ou seja, condutores de bicicletas”). Ainda assim, os elementos

8 De acordo com Gonçalves (2011b), uma categoria bastante expressiva no conjunto de formativos de classificação problemática é a dos neoclássicos. Nesse grupo, estão os elementos de origem grega ou latina que geralmente não aparecem como forma livre na língua, como mostram os seguintes: *bio-*, *antropo-*, *eco-*, *-metro*, *-nomo*, *-teca*. (origem grega) e *ego-*, *retro-*, *sócio-*, *-cida*, *-fero*, *-cola* (origem latina). De acordo com a definição de Gonçalves (2011b), os neoclássicos são formas de origem grega ou latina que não foram totalmente assimilados na língua que os abrigou. Assim, esses itens não se resumem tão somente a formativos de origem clássica (grega ou latina), mas possuem configuração própria frente aos constituintes propriamente nativos. Elementos dessa natureza são recorrentes na formação de internacionalismos, o que significa que se mostram produtivos no vocabulário técnico-científico e filosófico-literário universal. A terminologia própria da área da ciência, da tecnologia e das artes em geral revela o emprego de formas inspiradas tanto no grego quanto no latim na formação de novos itens lexicais.

9 Novamente aqui, como estamos fazendo referência a um tipo básico de processo morfológico, a contraparte semântica é omitida. Trata-se de nossa proposta de representação para o modelo da composição neoclássica, para nós um processo de formação de palavras diferente da composição em termos formais, como o esquema sugere.

a que *-dromo* se adjuge são radicais (e não palavras), o que nos autoriza afirmar que tais formações ainda são compostos neoclássicos¹⁰.

Nos séculos XX e XXI, aparecem diversas palavras *X-dromo* cunhadas em conformidade com (12). A maioria perde o caráter científico internacional, típico das formações neoclássicas, e experimenta usos menos formais, alguns até bastante populares, como se vê em (13), a seguir:

(13) Jegódromo – pista de eventos em Campina Grande reservada para a corrida de jegues.

Bodódromo – pista para a corrida de bodes.

Burródromo – local reservado para a corrida de burros.

Boiódromo – centro de eventos onde se realizam rodeios de bois.

Cavalódromo – lugar reservado para corrida de cavalos em São José do Cerrito (SC).

A diferença entre as formações em (13) e as mais antigas na língua, no entanto, não reside apenas no caráter mais popular e menos técnico das nomeações. Está em jogo, também, o tipo morfológico com que *-dromo* se combina: embora continue sendo um radical (uma forma presa, portanto), tem livre curso na língua, uma vez que se atualiza como palavra e, por isso, aparece no léxico. Nesse caso, pode receber etiqueta lexical, pois porta informação categorial.

Certamente o gatilho para a grande proliferação de formas *X-dromo* em português foi ‘sambódromo’, “local destinado aos desfiles das escolas de samba, composta por uma passarela e uma área de dispersão das agremiações” (AURÉLIO, 2004: 1134). Na verdade, ‘sambódromo’ é o nome popular dado à Passarela Professor Darcy Ribeiro, localizada na Avenida Marquês de Sapucaí, nos bairros Centro e Cidade Nova, no município do Rio de Janeiro, em 1984. Ao que tudo indica, quem cunhou o termo foi o então governador fluminense Leonel Brizola, que, com o projeto de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, “dotou a cidade de um equipamento urbano permanente para a exibição do tradicional espetáculo do desfile das escolas de samba” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sambódromo>. Acesso em 28/01/16).

Outra criação em *-dromo* que merece destaque é ‘camelódromo’, que, de acordo com Moreira (2005), constitui denominação popular dada, na década de 1980, pelo então prefeito Marcelo Alencar para os mercados populares. Criado “com a finalidade de atender a crise de emprego, organizar o comércio ambulante que saturava as áreas da Central do Brasil e da Rua Uruguaiana no centro da cidade” (MOREIRA, 2005: 01), o camelódromo da Uruguaiana logo deu origem a diversos outros, tanto no Rio quanto em outros estados, sendo o termo, hoje, usado em referência a qualquer concentração de camelôs (comércio ambulante). Sem dúvida alguma, a popularidade e a frequência de uso dessas

¹⁰ Concordamos com Bauer (2005: 105), quando ele afirma que “o rótulo ‘composto neoclássico’ se mostra inadequado, uma vez que um composto neoclássico não é um composto (de acordo com leitura normal da palavra), sendo mais um problema terminológico do que um problema de substância”.

formações engatilhou uma produção em série, levando à criação de formas como as listadas em (14), a seguir, em que a noção de “corrida” já não se manifesta:

(14) Fumódromo – área destinada exclusivamente ao uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou de qualquer outro produto fumífero, derivado ou não do tabaco, devidamente isolada e com arejamento conveniente.

Alcoódromo – lugar destinado para a cura de ressacas provenientes de malestar causado pela ingestão de bebidas alcoólicas.

Mamódromo – Local que se encontra, em alguns shoppings no Rio e em São Paulo, reservados para quem está amamentando o bebê.

Urinódromo – muro de azulejo, com água e algum tipo de detergente escorrendo o tempo todo, onde os homens podem urinar protegidos por uma tapadeira (espécie de biombo, que deixa à mostra apenas cabeças e pés).

Os dados revelam, em relação à forma, que *-dromo* passa a incorporar sistematicamente a vogal média posterior aberta, [ɔ], o que nos leva a pensar na sua reformatação como *-ódromo*, certamente motivada não apenas pelas formações mais antigas e transparentes, todas com essa vogal, mas também pelas mais novas, mesmo aquelas terminadas em outros segmentos. Como se anexa a radicais, as vogais temáticas das palavras-base são sempre suprimidas, como se vê em (15), a seguir. Além disso, bases atemáticas são sempre caracterizadas pela epêntese consonantal de /z/, consoante de ligação por excelência na língua (KEHDI, 1989). Não faz sentido analisar a vogal <ó> como elemento de ligação, pois as palavras em (16), a seguir, teriam uma vogal e uma consoante de ligação simultaneamente, o que obviamente é contraintuitivo. Preferimos interpretar a sequência morfológica como *-ódromo*, seguindo, portanto, Sandmann (1987) e Laroca (2005).

- | | | |
|------|----------------------|-------------------|
| (15) | samba – sambódromo | cagar – cagódromo |
| | bicha – bichódromo | fumar – fumódromo |
| (16) | café – cafezódromo | pai – paizódromo |
| | urubu – urubuzódromo | gay – gayzódromo |

Em decorrência dessas considerações, a alta produtividade das formações *X-ódromo* no português contemporâneo nos leva a inferir que houve mudança do esquema da composição neoclássica para um esquema que mais se assemelha ao da sufixação. São várias as razões para isso:

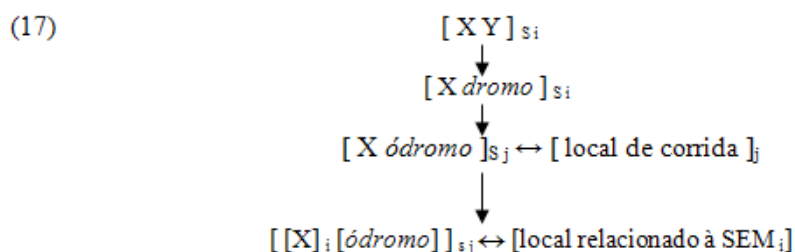
- (a) o elemento à esquerda deixa de ser um radical neoclássico e passa a ser uma forma com livre curso, que, portanto, possui etiqueta lexical;
- (b) a forma à direita passa a ser sempre *-ódromo*, ao contrário do que se observa em palavras mais antigas, com elementos diversos antes

de *-dromo*: ‘catádro’ (“que, vivendo em água doce, se dirige para o mar na época da desova”), ‘perídro’ (“galeria ou espaço coberto em torno de um edifício”), e ‘palíndro’ (“frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa”);

(c) as formas mais novas espelham o comportamento formal e semântico das mais antigas e de uso mais geral (‘hipódro’, ‘autódro’, ‘velódro’);

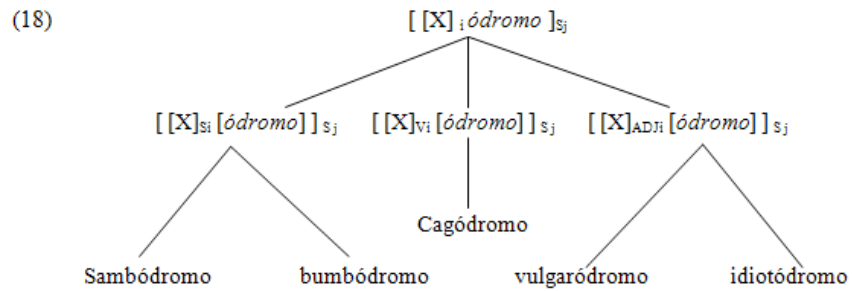
(d) *X-ódro* passa a significar apenas “lugar”, não necessariamente remetendo à noção de corrida.

Em termos representacionais, temos o seguinte: primeiramente, temos o esquema genérico da composição neoclássica no primeiro nó de (17), a seguir, cuja instanciação, no segundo nó, incorpora a partícula *-dromo*, mas sem qualquer referência ao polo semântico. Na terceira linha, temos o esquema da composição neoclássica *X-ódro* fazendo alusão a locais de corrida, como ‘hipódro’. Observe que X, a forma à esquerda, não contém etiqueta lexical nem é indexada. No nó terminal, X recebe a indexação, o que sinaliza que a base faz parte do léxico. No pólo semântico, tem-se a ideia de um lugar relacionado ao *frame* (SEM) projetado pela palavra-matriz. Em (17), portanto, tem-se o percurso histórico das formações *X-(ó)dro*¹¹:

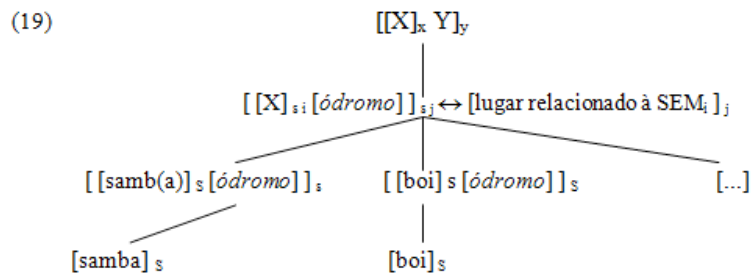


Deve-se considerar que o elemento X pode estar relacionado a três diferentes tipos de base: substantiva, verbal e adjetiva. A partir do *corpus* levantado, pôde-se constatar que o *input*, em sua maioria, é formado por substantivos, a exemplo do que se observa em ‘samba’. Com o intuito de melhor visualizar as três possibilidades, representamos cada uma delas no esquema a seguir. Vale ressaltar que os subscritos (i) e (j) são indicativos de que tanto a base quanto o produto fazem parte do léxico.

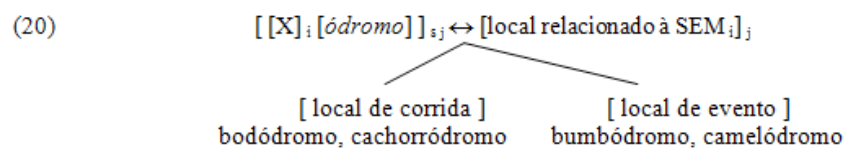
11 No primeiro nível da formalização, temos o esquema abstrato da composição neoclássica que, de modo algum, constitui padrão fossilizado na língua, sendo, nos dias de hoje, tão produtiva quanto os demais processos: composição, prefixação, sufixação etc. Evidência disso são as recentes construções ‘ortorexia’ (“distúrbio alimentar caracterizado pelo consumo de produtos sem química”), ‘pedófilo’ (“pessoa com atração sexual por crianças”) e ‘heterofóbico’ (“aversão a heterossexuais”). Na segunda linha, aparecem as formas com *-dromo* existentes na língua para as quais o falante não consegue abstrair qualquer significado (daí a falta de especificação do polo semântico), tais como ‘palíndro’ e ‘anádro’. Por fim, as duas últimas linhas generalizam os significados mais gerais, que seguem o percurso histórico das formações *X-dromo* na língua.



Levando-se em consideração as esquematizações desde o nível mais abstrato até as instanciações individuais, em que os nós mais baixos herdariam propriedades dos nós dominantes e, por isso mesmo, contêm informações redundantes, as construções *X-ódromo* hoje instanciam o esquema mais abstrato da sufixação ($[X]_i Y_j$). Atendo-se à representação mais recorrente na formação, isto é, tendo como base um substantivo, demonstramos, a seguir, como ‘sambódromo’ e ‘boiódromo’ herdaram as características do nó imediatamente dominante da semântica de lugar, tendo em vista a possibilidade de outras formações serem contempladas:



No que diz respeito à contraparte semântica, a noção genérica é de ‘local relacionado à SEM_i’, tendo, portanto, uma ampliação no sentido original, que fazia alusão a “ação de correr, lugar para corrida, corrida” (HOUAISS, 2009). A partir das instanciações individuais, a contraparte semântica nos possibilitaria destacar, para alguns exemplos, as acepções ‘local de corrida’ e de ‘local de evento’:



A partir dessas noções, que, na Gramática das Construções, de Goldberg (1995), seriam heranças **por instanciação**, os exemplos acima possibilitam entender que, seja ‘local de corrida’, seja ‘local de evento’, a noção genérica de ‘lugar’ aparece em todos os dados. De certa forma, a própria expansão do significado em relação ao original ajuda na percepção da existência de uma modificação no estatuto morfológico do formativo.

Ao levarmos em consideração, especificamente, a acepção ‘local de evento’, o *corpus* nos permite perceber que há especificação de significado em exemplos como ‘bambódromo’, ‘porcódromo’ e

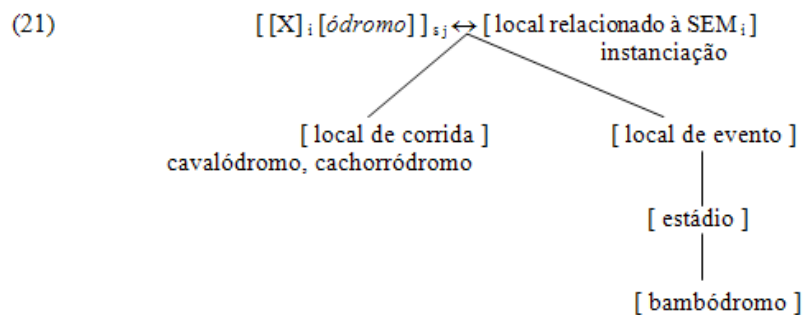
‘peixódromo’. Sem contextualização, os dados seriam entendidos como “local que se destina para a prática de corrida de bambis, porcos e peixes”, respectivamente. Ponderando-se, todavia, o contexto de onde esses vocábulos foram retirados, a intenção foi (re)nomear depreciativamente estádios de futebol. Para o primeiro – ‘bambódromo’ – há alusão pejorativa ao estádio do time do São Paulo F. C., o Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi. O contexto para a criação do termo alusivo ao animal teve a participação da equipe do Sport Club Corinthians Paulista, partindo de um jogador. O volante Vampeta, ao passar por uma sorveteria, avistou dois jogadores do São Paulo, Kaká e Júlio Baptista, e, em um tom jocoso, chamou a dupla de ‘bambi’, símbolo da homossexualidade masculina. Alguns dias depois, o jogador do Corinthians voltou a repetir o mesmo termo em uma entrevista coletiva, fato que teve repercussão considerável. Daí a origem de *bambi* como sendo uma alusão aos torcedores saopaulinos (metonímia) e, por conseguinte, ‘bambódromo’ para o Morumbi.

Nos casos de ‘porcódromo’ e ‘peixódromo’, também há alusão a estádios. Em ambos os exemplos, levamos em conta que os processos atuantes na formação assemelham-se aos atuantes na palavra ‘bambódromo’. Sem contexto, os novos itens lexicais também seriam entendidos como locativos genéricos (não como estádios de futebol).

‘Porcódromo’ constitui referência ao estádio da equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras, cujos torcedores são conhecidos como *porcos*. Tal denominação se deu em razão de uma divergência entre os Presidentes do Palmeiras e do Corinthians na década de 60. Após o alvinegro – Corinthians – empatar no campeonato paulista com a equipe do São Bento em 1x1, o time retornou à capital e uma tragédia ocorreu com dois de seus principais jogadores: falecimento. Requisitando à Federação Paulista de Futebol que ambos fossem substituídos, o presidente corinthiano recebe a notícia de que a substituição só seria possível mediante aprovação unânime de todos os outros presidentes que faziam parte da Federação. Somente um dirigente se posicionou contra a substituição dos jogadores falecidos: o do Palmeiras. A negativa por parte do dirigente fez com que o cartola alvinegro chamasse os palmeirenses de “porcos”. O jogo subsequente do Corinthians era justamente contra a equipe alviverde, circunstância que levou os primeiros a soltarem um porco no gramado do Morumbi provocando um coro uníssono de “porco! porco!” como forma de zombar do adversário. O tom zombeteiro perdurou até o ano de 1986, quando a equipe palmeirense goleou por 5x1 a equipe Corinthians na semifinal do campeonato paulista. Desde então, faz-se uma referência aos torcedores do Palmeiras como *porcos* e, por conseguinte, ‘porcódromo’ é o seu estádio, o Palestra Itália. A curiosidade se dá pelo fato de os próprios torcedores do Palmeiras terem adotado a “mascote” de modo positivo. Tal fato se comprova, inclusive, a partir da criação de uma torcida organizada com a nomenclatura de *pork’s*.

Por último, ‘peixódromo’ faz alusão, também por metonímia, à torcida do Santos F. C. Nessa situação, no entanto, há um fato curioso: a mascote do time é uma baleia, mais especificamente uma orca. Ainda que este seja o representante animal oficial, a equipe é tida como *peixe*. Tal fato remonta à primeira metade dos anos 1990, quando a equipe da baixada santista viajava para a capital. Quando jogava em São Paulo, a torcida adversária costumava chamar os torcedores de ‘peixes podres’, ‘peixeiros’. No ano de 1933, quando o Santos recebeu a equipe da Floresta – o time precursor do atual São Paulo

F. C. – na Vila Belmiro – estádio do Santos –, uma vez mais a torcida adversária começou a gritar a mesma ofensa. Entretanto, os próprios torcedores santistas responderam que ‘eram peixeiros com muito prazer, com muita honra’. Desde então, o apelido foi assumido e a equipe virou o ‘time do peixe’. Ao se levar em consideração que o time é conhecido justamente por essa referência, percebe-se que há relação em que a totalidade – a torcida – passa a ser designada pelo animal representativo dessa torcida: o peixe. Desse modo, o estádio do Santos F. C. passa a ser conhecido por ‘peixódromo’. Em termos de esquematização, teríamos o seguinte:



Com isso, percebemos que, na contraparte semântica, a ideia de locativo se mantém; todavia, há possibilidade de expansão no que diz respeito a esse lugar. Com isso, especificamente para esses três vocábulos – ‘bambódromo’, ‘porcódromo’ e ‘peixódromo’ – o local de evento estabelece relações que permitem fazer alusão a lugares mais particulares: estádios de futebol.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações feitas ao longo do texto, concluímos que a Morfologia Construcional apresenta-se como um arcabouço apropriado para um estudo mais sistemático acerca do comportamento de formativos de difícil categorização, como o aqui analisado, *-ódromo*. Desse modo, composição e derivação não são processos claramente distintos; possuem fronteiras maleáveis e os processos de formação de palavras podem se modificar ao longo dos anos, bem como o estatuto dos formativos. No nosso entendimento, é isso que vem acontecendo com as formações examinadas no artigo.

Em termos de mudança, temos o seguinte para as formações *X-dromo*: primeiramente, constituem instanciação ([X dromo]_{sj}) do esquema genérico da composição neoclássica que defendemos no texto, [X Y]_{sj}, que expressa a generalização de serem opacas, mas sistematicamente categorizadas como substantivas, dada principal função desse processo: nomear termos de áreas de especialidade (Botânica, no caso de *-dromo*). A partir de ‘hipódromo’, novas formas *X-ódromo* foram criadas para cunhar locais de corrida. Nesse caso, a forma à esquerda não contém etiqueta lexical nem é indexada, pois as bases são presas e, por isso mesmo, não recebem informação categorial, mas, nessa fase, já há um pareamento mais sistemático entre o polo formal e o polo semântico: [X ódromo]_{sj} ↔ [local de corrida]_j. Nos dias de hoje, X recebe a indexação, o que sinaliza que a base faz parte do léxico. No polo semântico, tem-se a ideia de um lugar relacionado ao *frame* (SEM) projetado pela palavra-matriz, como em ‘camelódromo’ e ‘boiolódromo’. Deve-se considerar que o elemento X pode estar

relacionado a três diferentes tipos de base: substantiva ('sambódromo'), verbal ('fumódromo') e adjetiva ('vulgaródromo'). Os esquemas [V_iódromo]_{s_j}, [S_iódromo]_{s_j} e [Adj_iódromo]_{s_j} são instanciações do esquema mais básico, [[X]_iódromo]_{s_j} ↔ [local relacionado à SEM_i], pois atualizam a posição de [X] com informação detalhada sobre a classe da palavra-base, que, por receber a indexação (i), faz parte do léxico tanto quanto o produto (j).

Assumimos, portanto, que houve tanto mudança formal quanto semântica nas construções, que passaram de compostas e opacas (X-dromo, em que o elemento à esquerda não constitui palavra) a derivadas e transparentes ([X-ódromo, com X recebendo, agora, etiqueta lexical e se atualizando como palavra).

REFERÊNCIAS:

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Linguistic Inquiry Monograph 1. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3ª ed. Atualizada. 1ª. impressão Editora Positivo. Positivo informática Ltda, 2004.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2004.

BASÍLIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 11-26, 2011.

BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 97-108, 2005.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. ver. e ampl. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BOOIJ, G. *Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology*. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, pp. 34-44, 2007.

BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

- CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tubinga: Max Niemeyer Verlag, 1987.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DI SCIULLO, A. & WILLIAMS, E. *On definition of word*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GONÇALVES, C. A. V. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Vol. 9, número 5, p. 6-39, nov. de 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios de Lingu@gem*, 5, p. 62-89, nov. 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. & ALMEIDA, M. L. L. *Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias*. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 58, n. 1: 165-193 2014.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão monusuário 3.0. Objetiva, 2009.
- KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987.
- LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. 4ª edição, revisada e ampliada, Campinas, SP: Pontes, Juiz de Fora MG, 2005.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Ática, 1989.
- MOREIRA, Ângela. Mercados populares ou camelódromos: nascimento e variações de um objeto arquitetônico. *Anais II Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.

PIRES, J. A. O. *O estatuto morfológico do formativo -dromo no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SANDMANN, A. J. Novidades do “front” da formação de palavras. *Letras*, Curitiba, 36 (1), p. 54-68, 1987.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia & Labor, 1988.

SCALISE, S. *et alii*. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu* 135, p. 49-84, 2009.

SOARES da SILVA, A. *O mundo dos Sentidos - Polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almeida, 2006.

Recebido em 31/01/2016

Aceito em 02/05/2016